

"MADRUGADA SOMBRIA"

(Original em 3 atos de ERICO CRAMER)

1º ATO

Narrador - Salimou  
Celso - Paulo Ric.  
Dalva - Rosamaria  
Alcina - Lourdes  
Rafael - Dany  
Dulce - Roberto

OPERADOR CARACTERÍSTICA DE ABERTURA, FUNDE COM MÚSICA MISTERIOSA PARA FUNDO DE NARRAÇÃO

NARRADOR Dentro da bruma densa da noite silenciosa e fria, na rua estreita de subúrbio distante, a luz amarelada de uma lanterna colonial, suspensa no pórtico de uma casa grande e antiga, era como que uma pincelada de ouro pálida sobre o negro opaco de uma tela imensa. A rua estava deserta e nada naquela hora adiantada da noite e a não ser, de longe em longe, o apito distante de um guarda-noturno, rasgando a escuridão e o silêncio reinantes, e ter-se-ia a impressão de que o mundo, fatigado de seu girar contínuo, resolvera, naquela noite, parar um instante para descansar. Dentro de duas horas mais que transcorressem e os primeiros alibres da manhã, cumprindo a sua infalível missão de todos os dias, estariam riscando o céu de arabescos estranhos, anunciando o raiar de uma nova alvorada. Quem visse a silenciosa paisagem da rua estreita, longe estaria de imaginar a intensidade do drama que estava sendo vivido atrás das paredes da casa grande, iluminada pela lanterna colonial. Uma moça de vinte e poucos anos, enrolada num chambre de flanela grossa, tinha o rosto colado ao vidro de uma das janelas da frente e o olhar fixo numa casa modesta da calçada oposta. Sua vigília, que se iniciara logo depois da meia noite, embora já tivessem transcorrido mais de três horas, mantinha-se perfeitamente acêsa, e que bem demonstrava a sua preocupação e o seu interesse na espera. Não tardou muito a que um vulto de homem assonasse à porta da casa observada e atravessasse a rua com passo ligeiro, para vir, sem saber, ao encontro daquele que o esperava.

OPERADOR SUSPENDE A MÚSICA EM FUNDO

C/REGRA (RUIDO DE CHAVE NA PORTA E TRINCO QUE ABRE, TUDO DISCRETAMENTE, COMO QUEM NÃO QUER SER OUVIDO. FECHA A PORTA. ALGUNS PASSOS DISCRETOS QUE CESSAM INSTANTANEAMENTE, AO TEMPO QUE O ATOR COMEÇA A FALAR)

CELSO (UM POUCO APASTADO, ASSUSTANDO-SE, MAS SEM ELEVAR A VOZ)  
Quem... quem está aí?

DALVA (FRIA) Sou eu. Não se assuste.

CELSO Dalva!... que faz você acordada a esta hora da noite?!

- DALVA Estava precisamente à sua espera.
- CELSO Por que? Que aconteceu?
- DALVA O que eu nunca pensei que pudesse acontecer um dia. (TOM) Que vai fazer?
- CELSO Ascender a luz. Não temos necessidade de conversar no escuro.
- C/REGRI (RUIDO DE LIGAR COMPUTADOR)
- DALVA Talvez fosse melhor para você.
- CELSO Ora essa! Por que?
- DALVA Evitaria que eu pudesse ver o rubor do seu rosto.
- CELSO Não entendo. Por que haveria eu de enrubescer?
- DALVA A sua consciência não lhe diz?
- CELSO Afiança-lhe que não.
- DALVA Pense bem em todas as coisas que você tem feito e depois me responda.
- CELSO Dalva, não se porte como um algoz desalmado que sente prazer em aumentar a agonia das suas vítimas. Se você me apanhou em alguma falta, diga logo claramente, sem nenhum preâmbulo, para que eu possa, por minha vez, apresentar as justificativas.
- DALVA Não creio que você encontre maneira de justificar o seu procedimento, Celso.
- CELSO Quem sabe?... mas para isso é preciso que você faça o que eu já lhe pedi: que fale claro e sem rodeios.
- DALVA Fale bem, eu vou lhe fazer a vontade. Responda-me: de onde veio você agora?
- CELSO (DEPOIS DE PAUSA) Da casa de dona Alcinda.
- DALVA Em vi. Quería me certificar si você teria coragem de confessar a verdade.
- CELSO Que me adiantaria negar si eu tinha certeza de que você viu?
- DALVA Fale bem... você não sente vergonha de ser surpreendido em falta tão grave?
- CELSO Se você soubesse a verdade dos fatos, não acharia...
- DALVA (CORTE) A verdade para mim é uma só: nosso pai não admitia que dirigissemos nem mesmo o olhar para a vizinha Alcinda e por mais de uma vez nos explicou as razões dessa sua exigência. Não posso, portanto, compreender nem aceitar qualquer motivo que o tenha levado a desobedecer nosso pai, desrespeitando a sua memória. Você não ignora o que nossa mãe sofreu por culpa dessa mulher. Como é possível que, mesmo assim, você possa ter tido a coragem de se aproximar dela, Celso?
- CELSO Você precisa ter calma e ponderar as coisas, minha irmã.
- DALVA Justamente por ponderá-las é que estou estranhando o seu procedimento. Então você acha que é justo...

- CELSO (CORTE) Espere, por favor, Dalva. Deixe-me falar.
- DALVA (PAUSA BREVE) Está bem, fale.
- CELSO Que sabemos nós da vida dessa mulher, além daquilo que nosso pai nos contou?
- DALVA É o que ele contou não lhe parece suficiente para que odiemos essa criatura?
- CELSO Mas quem pode garantir que seja essa a verdade dos fatos?
- DALVA (ESTUFEFACTA) Como?!... Não, Celso, não é possível que você tenha a coragem de pôr em dúvida a palavra de nosso pai. Eu não posso acreditar nisso. Não posso! Isso é uma monstruosidade, é uma infâmia que você, de sua consciência, não seria capaz de praticar. Conheço a retidão do seu carácter porque fui eu, como sua irmã mais velha, que ajudei a formá-lo e sei bem que semelhantes baixezas sempre o repugnaram.
- CELSO Nada me causou repulsa maior, em toda a minha vida, do que injustiçar alguém e por isso tive por norma, sempre, não estábelecer julgamento às faltas alheias, sem averiguar, primeiro, a veracidade das mesmas e os motivos que levaram os culpados a praticá-las. Pelo profundo respeito que sempre dediquei ao meu pai, nunca quis, enquanto ele existiu, procurar conhecer as razões que pudessem ter levado dona Alcina a infelicitar o nosso lar e tornar tão fortes os motivos do ódio de nosso pai contra ela, mas depois que ele nos faltou, várias vezes fui assaltado pelo desejo de esclarecer a verdade para me situar com justiça, de um ou do outro lado. Relutei, ao princípio, em satisfazer a esse desejo, pelo escrúpulo natural que sempre nos causa a memória dos mortos, mas buscando, depois, em seu escritório, certos papéis que se faziam necessários a regularização do seu inventário, encontrei um bilhete que veio por fim à minha indecisão e dar-me o rastilho da verdade que estou procurando seguir. Pelo bilhete, que trago sempre comigo, você poderá melhor compreender as justas razões de minha desconfiança. (PAUSA) Aqui o tem. Leia.
- C/REGRA (RUIDO DISCRETO DE DESDOBRAR UM PAPEL)
- ALCINA (DEPOIS DE PAUSA, EM SURDINA) Foi sabedora de que você está promovendo um movimento, entre os moradores desta rua, para que eu seja impelida, pelas autoridades competentes, a mudar-me de onde estou. Você bem sabe os motivos que me trouxeram para perto de sua casa e a minha disposição, inabalável, de manter-me calada e à distância. Não compreendo, portanto, a mesquinhez do seu gesto e advirto-lhe que não estou disposta a sujeitar-me a tão grande vexame. Se você não desistir do seu intento e eu vier a ser perturbada no meu sossego, juro-

lhe, pela minha vida, que abandonarei o meu voto de silêncio e todos - entendem? - todos ficarão conhecendo a verdade como ela é. Alcina.

CELISO Já vê você que, diante disto, eu não tinha outro caminho a seguir.

DAIWA E o que fez? Pensei saber?

CELISO Escrevi um bilhete à nossa vizinha solicitando-lhe uma entrevista que foi marcada para as onze horas da noite de hoje... ou melhor... de ontem, porque já estamos quasi ao rejar de um novo dia.

DAIWA E que lhe disse ela nessa tão longa entrevista?

CELISO Nada. À perspectiva de avistar-se frente a frente comigo caiu-lhe uma tão forte emoção que o seu coração enfermo obrigou-a a recolher-se ao leito, onde se encontra sob os cuidados médicos.

DAIWA Nesse caso... por que ficou até tão tarde na casa dessa mulher?

CELISO Para servi-la em qualquer coisa que pudesse vir a necessitar, uma vez que não dispõe de outra companhia senão aquela preta velha que às vezes vem entrar ou sair de sua casa. Só depois das três horas da madrugada, como ela melhorasse e dormisse, foi que me dispuz a abandonar a sua casa.

DAIWA Você crê, sinceramente, que uma mulher dessa espécie seja capaz de dizer qualquer verdade que possa prejudicá-la? É claro que não pode crer a não ser que você seja um tólo ou um ingênuo e você não é, que eu saiba, nem uma coisa nem outra. Que lhe adianta, portanto, perguntar a ela o que possa ter havido, no passado, entre ela e nosso pai, se já estamos sabendo de antemão, que ela não vai deixar de puxar a braça para a sua sardinha?

CELISO Mesmo assim. O que não podemos é julgá-la apenas pelo que o nosso pai nos contou. Não me parece justo. Devemos ouvi-la, procurar averiguar as coisas que ela venha a dizer e depois de comparar as declarações de um e do outro, proceder a um julgamento mais preciso e mais equilibrado. Não lhe parece estranho que depois de haver recebido este bilhete nosso pai tenha decidido de levar avante o seu propósito de expulsar dona Alcina desta rua?

DAIWA Estranho por que? Acho a coisa mais natural deste mundo que ele tenha procurado evitar qualquer escândalo. Gente da espécie dessa mulher nada tem a perder com escândalos, ao passo que nós... nós poderíamos ser atingidos e quem sabe mesmo, prejudicados. E foi, certamente, pensando nisso que nosso

pai retrocedeu.

CELSO Você então não crê em qualquer parcela de culpa por parte de nosso pai, mesmo depois de haver tido conhecimento deste bilhete?

DALVA Não creio, Celso. Não posso crer. Meu pai, para mim, foi sempre um homem admirável, a quem eu adorei quasi que como a um santo e pose-me profundamente, no coração, constatar que você, que foi o ídolo de sua vida, ponha em dúvida a veracidade das suas palavras e a retidão de seu caráter. Você não devia proceder assim, Celso. Você não tinha o direito de proceder assim. Que juízo faz você, afinal, de nosso pai? Que pensa você que ele tivesse sido?

CELSO Um homem, apenas.

DALVA Um santo, devia você dizer.

CELSO Os santos também foram homens e muitos deles, antes de serem santos, foram também grandes pecadores.

DALVA Mas nem por isso são menos dignos de nosso respeito e da nossa veneração.

CELSO Está certo, Dalva, não digo nada em contrário. Se nosso pai tiver errado em relação a este caso que estou procurando aclarar, não será por isso que deixarei de estimá-lo ou de venerar a sua memória... apenas...

DALVA (CORRE) Nesse caso, não vejo necessidade de você estar a revolver as cinzas mortas. Com que fim fará isto? Posso saber?

CELSO Já disse a você: com o fim de saber que atitude tomar com relação a dona Alcina, se ela estiver inocente.

DALVA E você não acha que ouvindo-a, ela há de procurar, por todos os meios inocentar-se?

CELSO Acredito que sim, mas para proceder como juiz conciente eu não posso fugir ao dever de ouvir as duas partes. E é isso o que eu quero fazer.

DALVA E se eu lhe pedir que desista dessa sua idéia?

CELSO Eu serei obrigado a dizer-lhe que não desistirei.

DALVA Mesmo sabendo que me magoa profundamente?

CELSO Ainda assim.

DALVA Nunca pensei que algum dia você me pudesse dar um desgosto tão grande! A mim que o criei de pequenino, visto que nossa mãe morreu logo aos primeiros dias de seu nascimento! A mim que procurei, em todos os momentos da sua vida, dar-lhe o carinho e os cuidados que ela lhe teria dado, se fôsse viva. Enquanto as minhas amigas procuravam nos cinemas e nos bailes uma distração para as suas horas vazias, eu abdicava de todos os meus direitos de mãe para só cuidar de você e atender as suas necessidades. Meus primeiros cabelos brancos eu

se vê nascer nas noites não dormidas, quando você, já então rapazote, se consumia ao cair de uma febre terrível que lhe agava roubá-la. E tudo isto para quê? Para hoje ter que lamentar tantos cuidados perdidos, tanto carinho derramado em vão.

**CELSO** Mãe, você está sendo por demais exagerada na sua maneira de interpretar as coisas. Em vez de encorar a minha persistência como ingratidão a todas as coisas boas que você fez por mim, veja-a como ela deve ser vista realmente: como um desejo grande de fazer justiça a uma criatura que nos ensinaram sempre a odiar, sem que nos dissessem exatamente o motivo desse ódio. É simplesmente isso o que desejo. Nada mais do que isto.

**NARRADOR** Neste momento, a conversa dos dois irmãos foi interrompida pela campainha da porta da rua que tocava com insistência.

**C/REGRA** (CAMPAINHA DE PORTA DE RUA/BATENDO COM INSISTENCIA/APASTADA)

**NARRADOR** Houve um instante de silêncio e indecisão. Cada um deles compreendeu que era chegado o momento de decidir-se a contenda e ambos sentiram um secreto receio pelas consequências que poderiam advir da resolução daquela hora. A campainha continuava a gritar com desespero, sem que nenhum dos dois se dignasse a atendê-la. Finalmente, como que sacudindo dúvidas e temores, os dois se levantaram ao mesmo tempo. Dalva fez um aceno ao irmão como que ordenando a sentar-se novamente e adiantou-se para a porta.

**C/REGRA** PASSOS QUE SE AFASTAM, CHAVE E PORTA QUE ABRE AFASTADA, CESSA A CAMPAINHA QUANDO O RUIDO DA CHAVE COMEÇA)

**NARRADOR** Celso obedeceu ao aceno da irmã, tornando-se a sentar-se. Embora apurasse bastante o ouvido, não logrou mais do que reconhecer a voz da negra que o atendera, poucas horas antes, na casa de Dona Alcina. Calculou que ela o visse chamar, mas aguardou, embora nervoso, que a irmã lhe transmitisse o recado. Não tardou muito em que Dalva voltasse.

**C/REGRA** (PORTA QUE SE FECHA AFASTADA. PASSOS QUE SE APROXIMAM)

**NARRADOR** Para entrar na sala com a fisionomia ainda mais sombria do que antes.

**DALVA** Vieram chamá-lo.

**CELSO** Eu já calculava que fosse isso.

**DALVA** Disse a negra que ela acabou de despertar e que chama por você com insistência.

**CELSO** E você o que lhe respondeu?

**DALVA** Nada. Disse-lhe, apenas que ia transmitir-lhe o recado. (PAU-

- SA) Você... você vai atender o seu chamado?
- CELSO Não lhe parece que é a única coisa que me cabe fazer, nesta emergência?
- DALVA Você já sabe de sobra, a minha opinião sobre este assunto, mas se lhe agrada ouvir mais uma vez a minha negativa, não me custa repeti-la: Não.
- CELSO O que eu desejava, Dalva, era entrar num acordo com você, antes de tomar uma resolução que pudesse magoá-la.
- DALVA Você não espere nenhum acordo de mim, neste caso, Celso. Nunca fui de meias medidas e você sabe perfeitamente disto. Confio não tem talvez, ou pode ser. E sim ou não.
- CELSO Mas você já devia saber que a prudência nos aconselha, sempre, o meio termo. É nêle que reside a virtude de todas as coisas.
- DALVA Isso é filosofia de almanaque que, no momento não está interessando. Eu quero que você me responda se vai atender ao chamado dessa mulher.
- CELSO Você... você ficaria realmente muito magoada si eu o atendesse?
- DALVA Tão magoada que chego a ter a impressão de que nunca mais poderia voltar a ser a mesma para você.
- CELSO Mas isso... isso é um escrúpulo exagerado da sua parte, Dalva.
- DALVA Seja o que você ~~for~~ quiser, mas a verdade é que sinto que nunca mais poderei perdô-lo, Celso. (PAUSA) O que é que está pensando?
- CELSO Que lamento profundamente a mágoa que lhe vou causar, mas que não posso deixar de atender ao chamado de uma criatura doente e que talvez não tenha mais do que uma ou duas horas de vida.
- DALVA Está bom, Celso, proceda como entender. Eu já não lhe obstarei a saída, mas não posso deixar de advertir-lhe que quando você voltar a esta casa eu serei uma criatura completamente diferente da que você deixou ~~de~~ ao sair.
- CELSO Lamento muito, minha irmã... muitíssimo... mas não posso fazer outra coisa.
- C/REGRA (PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM E PARA QUANDO CELSO É CHAMADO)
- DALVA (DEPOIS DE UMA PAUSA, NERVOSA, NUM GRITO CONTIDO A CUSTO) Celso! (PAUSA) Espere. Já que você vai ouvir essa mulher, sugere-me primeiro, para estar preparado a reagir contra as mentiras dela.
- C/REGRA (VOLTAM OS PASSOS DE ONDE ESTAVAM)
- CELSO Como?!... Como foi que você disse? Você vai me falar primeiro, para que eu esteja preparado... mas... mas então você sabe coisas que ocultou de mim? Por que? Com que interesse?

DAIVA Ouga-ne, Colao. Ouga-ne primeiro... e deixe os julgamentos pa  
ra depois.

OPERADOR CARACTERISTICA PARA FINAL DO PRIMEIRO ATO

LOCUTOR PUBLICIDADE COMERCIAL.





2º ATO

OPERADOR CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

CELSO Vamos, Dalva, fala. Eu quero saber de tudo. Você já conhecia dona Alcina quando ela se mudou para a nossa rua?

DALVA (DEPOIS DE PAUSA) Sim.

CELSO E que interferência teve ela, antes, em nossa vida e o que fez para infelicitar a nossa lar?

DALVA Celso... dona Alcina... foi casada com<sup>o</sup> nosso pai.

OPERADOR AGUIHADA FORTE, SEM CORTAR

CELSO (CHOQUE) Como?!... Casada com o nosso pai, você disse?

DALVA Exatamente. Dona Alcina... é nossa madrastra, meu irmão.

CELSO Nossa madrastra!... Mas... por que motivo, afinal, ocultaram sempre de mim esse detalhe?

DALVA Não foi só de você que ocultamos, Celso. Ninguém aqui conhece esse particular. Quando tudo aconteceu você era tão pequeno... nem poderia compreender coisa alguma. Depois... você cresceu, mas papai achou melhor que continuasse ignorando tudo.

CELSO Mas afinal o que houve? Porque motivo papai se separou de dona Alcina?

DALVA Porque ela foi indigna e cobriu de lama o nome dele que era o seu maior orgulho. Papai então abandonou-a e veio se refugiar aqui, conosco, onde ninguém nos conhecia e nem suspeitava de nossa tragédia. Passado algum tempo ela nos descobriu e, porque desejasse torturar-nos com a sua presença, ou alimentasse esperanças de voltar a conquistar papai, instalou-se ali, quasi de frente à nossa casa.

CELSO Foi quando nosso pai tentou expulsá-la?

DALVA Não. Embora eu o tivesse aconselhado a agir rápida e energeticamente neste sentido, ele achou de melhor alvitre fazer as coisas com calma e mandou pedir a ela que o recebesse à noite, furtivamente, para que pudessem combinar uma maneira de solucionar o assunto que melhor atendesse aos interesses de ambos. E foi aí que papai se perdeu. Houve a primeira entrevista... a segunda... a terceira e quando eu o adverti do perigo que estava correndo, ele já tinha fraquejado e em verdade estava outra vez vivendo com ela às ocultas. Eu, então, tratei de sacudi-lo para que ele despertasse daquele torpor dos sentidos e compreendesse a miséria a que estava sendo arrastado. Foi uma batalha árdua que encetei sozinha, mas ao fim de dois meses consegui vencer. Aconteceu, no entanto, que papai ficou sem forças para fazer o que eu mais desejava-

va que era expulsar essa mulher da nossa vizinhança. Ainda assim, animado pela minha coragem, êle deu início ao movimento que provocou esse bilhete que você encontrou entre os papéis dêle. Ah está, meu irmão, tôda a verdade e respeito de dona Alcina; a verdade que ela, com certeza, não irá lhe contar. Mas e por que diziam que ela havia sido a causa da morte de nossa mãe?

CELSO

DALVA

Porque ela, desde o tempo em quemamêe ainda vivia, procurava, por todos os modos, conquistar papai. Mãe, embora fingisse desconhecer a verdade, sofria em silêncio e sofria muitíssimo. E foi esse sofrimento a causa do enfarto que a vitimou. Daí, a verdadeira razão do meu ódio contra essa mulher. O que ela me fez sofrer, antes e depois de se casar com papai, não há palavras que possam fielmente descrever..

CELSO

Que idade tinha você, quando nosso pai se casou com ela?

DALVA

Dezenove anos incompletos e você pouco mais de um ano. O que chorei por sua causa e pelos castigos injustos que ela lhe infligia, nem saberei dizer! Só posso lembrar com satisfação que Deus houve por bem afastá-la da nossa casa, permitindo-nos viver alguns anos de paz e de harmonia...

CELSO

E a história da sua traição a papai?

DALVA

É uma história tão côrdida que o melhor é silenciar sobre ela. O essencial é que nosso pai descobriu, ainda em tempo, a sua torpeza e imediatamente abandonou-a. (PAUSA LONGA, TOM) E agora que já sabe de tôdas as misérias praticadas por essa mulher, você ainda sente desejos de ir vê-la?

CELSO

Sim. Agora, mais do que nunca, desejo avistar-me com ela e ouvir o que ela possa dizer para justificar-se; ah é que pretendo justificar-se; ~~isto~~ não sei.

DALVA

Você devia fazer-lhe sentir a sua repulsa, recusando-se a atendê-la, meu irmão.

CELSO

Prefiro as palavras aos gestos. Ficarei muito mais satisfeito em poder dizer-lhe o que sinto, do que fazer com que ela sinta o que deixei de dizer.

6/REGRA

(NOVAMENTE A CAMPAINHA DA RUA, AFASTADA. TOCA BIXER DUAS VEZES)

CELSO

Olhe. Devo ser a preta que ven entre vez chamar-me. Deixe-me ir.

NARRADOR

Dalva ainda fez o que pôde para reter o irmão, mas nada conseguiu. E enquanto êle atravessava rapidamente a rua, seguido da preta velha que o fôra chamar, ela se postava novamente atrás das vidreças da janela, torcendo as mãos com incrível nervosismo. Momentos depois, o rapaz se encontrava no quarto de D. Alci

na que, com a fisionomia visivelmente fatigada, esperava-o reconatada aos travesseiros.

ALCINA Pensei que não quizesse mais vir. Demorou tanto...

CELSO É que eu estava indeciso. Não sabia bem o que seria melhor fazer.

ALCINA Compreendo. Naturalmente, diante de tudo que lhe contaram, você não sabia se o mais acertado seria ouvir-me ou desprezar-me.

CELSO Exatamente.

ALCINA Mas era isso, justamente, o que eu não desejava que acontecesse. Que você continuasse me desprezando, mesmo depois que eu estivesse morta. É como sinto que a minha vida está por pouco, quero aproveitar as poucas energias que ainda me restam para provar-lhe que eu não merecia esse desprezo.

CELSO Não se canse muito em relatar-me a história, porque eu já a conheço.

ALCINA Não. Você pensa que a conheço, mas eu tenho certeza de que não lhe contaram nada do que realmente se passou. Eu havia jurado a seu pai de me conservar em silêncio e nunca mais tocar neste assunto, pelo menos enquanto ele existisse. Depois... eu faria o que quizesse. O meu compromisso com ele teria cessado. Há pouco mais de um ano, quando seu pai morreu, eu estive vários dias completamente indecisa e sem saber o que fazer. Pensei... pensei muito... perdi várias noites de sono... e finalmente resolvi silenciar. Abduquei de qualquer gesto de vingança, em memória dele e em consideração a você...

CELSO Em memória dele... eu ainda compreendo, mas... em consideração a mim, por que?

ALCINA Depois você saberá. Quero começar pelo princípio, já que terei de contar-lhe ainda tudo, pelo menos quasi tudo. Antes, no entanto, é preciso que eu saiba o que lhe contaram, para não estar a repetir aquilo que você já sabe.

CELSO Perfeitamente. Ouça, então...

OPERADOR CORTINA MUSICAL

ALCINA Deus de misericórdia!... Como o crime pode gerar tanta maldade num coração humano! (PAUSA E TOM) Ouça, Celso: você foi o filho que a vida me negou e a quem eu me dediquei, inteiramente, depois que a morte lhe roubou o carinho de sua mãe. Logo que seu pai viveu, tratou de mudar-se de casa onde perdêra a esposa e foi se alojar precisamente ao lado de nossa casa. Foi quando o conheci.

CELSO Como?! A senhora, então, não o conhecia antes?

ALCINA

Absolutamente. Quando o conheci, tôdo de preto, acompanhada de sua irmã que o trazia em seus braços, pequenino, advinhei o drama terrível que haviam acabado de viver, e uma pena infinita inundou logo o meu coração. Procurei, imediatamente, aproximar-me da família, sem outra intenção que não fosse a de confortar e auxiliar a todos no que me fôsse possível. Ajudei-os na arrumação da casa e em tôdos os demais afazeres cotidianos da vida de uma família. Fazia pouco mais de um mês que vocês estavam mudados quando você adoeceu gravemente. Ajudei a tratá-lo e muitas vözes passei a noite inteira acordada, na cabeceira de seu bôrgo. Daí, como era natural que acontecesse, eu fiquei muito mais unida ao seu pai e à sua irmã que pareciam dedicar-me uma estima sincera. Quando um ano depois perdi minha velha mãe e fiquei sozinha no mundo, seu pai me propoz casamento, e em pouco mais de seis meses estôvamos casados. Dediquei-me, então, de corpo e alma à felicidade e ao bem estar da família e descobri-me em carinhos para você que era muito pequeno e logo se afeiçoou a mim profundamente. E foi aí que começou a minha via-crucis. O ciúme de sua irmã, já muitas vözes evidenciado com relação a seu pai, rompeu finalmente o seu dique, quando ela se julgou roubada por mim no seu afeto. E foi assim, que, uma noite, quando seu pai saíra para visitar um amigo enfermo, ela irrompeu pelo meu quarto, visivelmente alterada.

OPERADOR UM ACORDE RÁPIDO DE MÚSICA RETROSPECTIVA

DALVA (APROXIMANDO-SE) Dona Alcina, isso não pode continuar assim, de modo algum.

ALCINA (MOÇA) Isso o que, minha filha? O que foi que aconteceu?

DALVA Não se faça de desentendida. A senhora sabe muito bem ao que estou me referindo.

ALCINA Juro-lhe que não. Nem sequer posso imaginar a razão de uma atitude... digamos, de uma atitude como esta que você tomou. Você está estranha... agressiva...

DALVA Si estou assim é porque tenho razões.

ALCINA Pois então diga logo o que sente e acabemos com isto, por favor. Fômos sempre tão boas amigas, não há de ser agora, por qualquer tolice, que deixaremos de ser.

DALVA Boas amigas! As que o são, realmente, não roubam umas as ciarritas das outras.

ALCINA Não estou entendendo o que você quer dizer. Fale claro, por favor. Nada me aflige tanto como esta situação de incerteza.

DALVA A senhora já me roubou totalmente o carinho de meu pai e não satisfeita com isto, quer ainda me roubar o carinho de meu

irmão?

OPERADOR ACORDE AGUDO, FORTE, SEM CORTAR

ALCINA (CHOQUE) Como... como foi que você disse? Que eu lhe roubei o carinho de seu pai? Você... você sabe bem o que está dizendo, minha filha?

DALVA (ASPERA) Não me chame de filha. Esse é um direito que só a minha mãe tinha e que eu não concedo a mais ninguém. A senhora não é minha mãe, é minha "madrasta", uma intrusa que conseguiu captar a confiança de meu pai, apossando-se da sua vida, da sua casa e de tudo mais que nos pertencia. Até aí, a tudo eu cedi e cedei, mas agora não. Agora quer ainda separar-me de meu irmão. Por que?

ALCINA Eu é que lhe pergunto por que motivo você me acusa de querer separá-la de seu irmão?

DALVA Porque fui ao quarto dele para dar-lhe um beijo de boa noite e a ama não me deixou beijá-lo, dizendo-me que era ordem sua.

ALCINA A minha recomendação não foi bem interpretada pela ama. Eu não disse a ela que não a deixasse beijar seu irmão. Pedi-lhe apenas, que lembrasse a você a sua gripe, caso você chegasse lá, o, como sempre, quizesse beijá-lo. Seu irmão esteve febril a semana passada e eu não achei conveniente que ele se expusesse a ter gripe também.

DALVA Nada disso. O que a senhora quer é ficar soberana no coração dele como já conseguiu ficar no de papai. Mas a senhora está enganada, ouviu? Eu não me deixarei roubar duas vezes. A primeira aconteceu porque eu fui pegada desprevenida.

ALCINA Você está sendo injusta, Dalva. Eu nunca pretendi roubar nada a você. Pelo contrário. Pretendi apenas dar aquilo que eu tinha e que podia dar que era o meu carinho. E você o teve sempre e o tem ainda. Se não soube compreendê-lo e interpretá-lo é porque você faz questão de fechar as portas do seu coração para que nele não penetre o menor reflexo do meu sentimento.

DALVA Tanto não é verdade que eu tenho o meu coração fechado, que pude sentir nele os reflexos do seu egoísmo.

ALCINA Porque você deturpa a essência dos meus gestos e vê egoísmo onde deveria ver apenas amor. Tudo que desejo, tudo que sonho e ambiciono é a união, o bem estar e a felicidade de vocês. E tanto isto é verdade, que o dia em que eu verificar que estou sendo o ponto da discórdia dentro desta casa, apesar de amar a todos, como ama, não terei a menor dúvida em abandonar o meu posto e retirar-me para qualquer recanto escuro da vida onde não sirva de estorvo aos interesses de ninguém e onde não cog

ra o risco de ver adulterada a pureza das minhas intenções.

OPERADOR ACORDE RÁPIDO

**ALCINA** (MAIS VEZIA, NARRANDO) Foi aí que eu me perdi. Dalva era má, não suportava a minha presença e sabedora do meu firme propósito de renúncia antes de ser o motivo de qualquer divergência naquela casa, valeu-se dessa minha disposição e começou a provocar uma série de pequenos atritos e incidentes que bastante me contrariavam.

**CELSO** E papai o que dizia a tudo isto? Não tomava nenhuma atitude?  
**ALCINA** Seu pai, até àquela altura dos acontecimentos, nem sequer suspeitava das perfídias de sua irmã e das minhas preocupações, porque eu fazia todo o empenho em mantê-lo na ignorância da nossa luta. Estavam as coisas nesse pé, quando uma tarde...

OPERADOR ACORDE BRVE-MÚSICA RETROSPECTIVA

**DALVA** Dona Alcina, eu preciso esclarecer um assunto com a senhora, para que a senhora depois não possa dizer que houve má interpretação da minha parte.

**ALCINA** (DELICADA E CALMA - MAIS MOÇA) Pois não, Dalva, pode falar. O que é que há?

**DALVA** A senhora deu ordem à empregada de Celso de não o deixar sair comigo?

**ALCINA** Você bem sabe que eu não daria ~~nenhuma~~ uma ordem nesses termos, Dalva. O que eu disse à Felicidade foi que si, por acaso, você quizesse sair com o menino, que ela não mudasse a roupa dele antes que você viesse falar comigo, porque eu não desejava que ele saísse por estar muito gripado. Naturalmente foi isso que a Felicidade lhe disse: não foi?

**DALVA** Foi. Mas com essas palavras, ou com outras, a ordem é clara e evidente: eu não posso sair com meu irmão.

**ALCINA** Não é bem assim, Dalva. Entre não poder e não dever, vai uma diferença muito grande. Eu já expliquei a você que o menino está gripado e além disto a tarde está muito fria. A qualquer momento pode chover...

**DALVA** (CORTA) Deixe-se de subterfúgios e seja mais clara nas suas atitudes. O que a senhora não deseja é que eu saia com o menino. Estivesse a tarde de sol e entre motivo haveria de aparecer para impedir que eu o levasse comigo a passear. Mas eu já estou farta das suas picuinhas e dos seus desmandos, entendeu? Eu não estou mais disposta a suportá-la porque já não aguento mais de enjojo e de cansaço. Com a sua falsa delicadeza e a sua resignação hipócrita, a senhora vai avançando de mansinho e vai vencendo os seus inimigos pelo esgotamento,

mas eu não me deixarei exgotar e lutarei até ao fim numa luta clara e definida, porque não sei usar os seus métodos sórdidos e mesquinhos.

ALCINA Dalva, eu tenho feito tudo para viver em paz com você, mas o que vejo, infelizmente, é que você não deseja a paz. Você en-  
contra, sempre, nos meus gestos para acautelar a saúde do seu irmãozinho, uma provocação e um desejo de mando que eu juro não existir em mim. O que é que você quer que eu faça para lhe provar que você está enganada?

DALVA Que tanto a atitude que já deveria ter tomado, há muito tempo, desde que verificou que está demais nesta casa.

ALCINA Pois então saiba que eu já teria tomado esta atitude, si não tivesse certeza de sofrer então que causaria a seu pai. É unicamente por ele que ainda me mantenho aqui, sofrendo todas as vexames a que você me submete. É tanto é verdade o que digo, que até hoje o seu pai, se mantém na consoladora ilusão de que vivemos como duas boas amigas e na mais perfeita harmonia de idéias.

DALVA Pois isso é que é necessário acabar. Ele precisa saber toda a verdade para se decidir se ficará a seu lado ou ao meu. E a minha resolução está tomada. Hoje mesmo contarei tudo a Pa-  
pai.

OPERADOR AGULHADA FORTE, SEM CORTAR A CENA

ALCINA Não, Dalva, você não deve fazer isto. Si não podemos viver em paz, deixemos que ao menos ele possa desfrutar...

DALVA (CORTE) Não adianta a senhora procurar me convencer do contrário. Já disse que papai deve saber e repito que hoje mesmo lhe contarei tudo.

ALCINA E si eu lhe prometer que não darei mais um polpito na vida do menino e que você procederá com ele da maneira que melhor entender, ainda assim você insistirá na sua resolução?

DALVA Já lhe disse que nada me demoverá da minha idéia. Não quero suas promessas e nem acredito nelas.

ALCINA Por que? Alguma vez lhe faltei?

DALVA Ora basta! A senhora quer fazer assunto e eu não estou para conversas. Calse não sairá comigo hoje, mas advirto-lhe que será a última vez que isto acontece, porque assim que papai chegar, essa questão será resolvida definitivamente. Ou a senhora sai desta casa e eu fico ou saio eu e a senhora ficará, mas neste caso não penso a senhora que sairei sozinha: levarei comigo o meu irmão porque foi a mim que minha mãe e entregou quando morreu.

ALCINA Dalva, por favor! Pense bem no que vai fazer!

DALVA Já pensei. Nesta casa não há lugar para n<sup>o</sup>s duas. Portanto  
... uma terá que sair... e para sempre!...

OPERADOR CARACTERISTICA FONTE PARA FINAL DO SEGUNDO ATO

LOCUTOR PUBLICIDADE COMERCIAL



OPERADOR CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

ALCINA (MAIS VELHA NARRANDO) Quando Dalva me disse aquilo, eu, sabendo que ela daria uma grande choque ao pai, saí de casa às ocultas e fui ao seu escritório prepará-lo para o sofrimento grande que o esperava. Contei-lhe toda a nossa luta, da maneira mais amena que me foi possível, mas, ainda assim, o seu sofrimento foi enorme. Seu pai era um homem boníssimo, mas sem nenhuma energia. Mostrou-se logo acobardado, prevenindo, certamente, que a inflexibilidade de sua filha acabaria por vencê-lo. Sabendo que lhe faltava ânimo para uma luta tão árdua, derramando piedade por todos os meus pecos, falei-lhe docemente.

OPERADOR ACORDE BREVE - MUSICA RETROSPECTIVA

ALCINA (MAIS MOÇA, BEM SUAVE E CARINHOSA) Por que ficar assim tão abatido, meu bem? Também não é caso para tanto. Há de ser dar um jeito em tudo, acredite.

ROGÉRIO (PROFUNDAMENTE ABATIDO) Que jeito?

ALCINA O que resolver o caso da melhor maneira. É uma questão de pensar nêle.

ROGÉRIO Conheço perfeitamente o temperamento de minha filha e sei que ela só aceitará, como solução, a sua saída.

ALCINA E o que tem isto? Si de tudo ela não ceder... eu sairei.

ROGÉRIO Mas eu não desejava separar-me de você. E nem tenho razões que me leven a uma tal medida.

ALCINA Razões tem, desde que sua filha o exige e você não tem forças para contrariá-la. Em todo o caso, nada vamos resolver, por ora, antes que você se tenha avistado com ela. Volte imediatamente para casa e não se esqueça de fingir que ignora tudo, quando ela vier revelar-lhe os acontecimentos.

ROGÉRIO Nêis me esquecerei, esteja desconsada.

ALCINA E não se aflija tanto, eu lhe peço, Pode confiar em mim que eu saberei encontrar um jeito de solucionar a questão satisfatoriamente.

ROGÉRIO Preza Deus que assim seja!...

OPERADOR ACORDE BREVE

ALCINA (MAIS VELHA NARRANDO) Logo depois do jantar, seu pai e sua irmã encerraram-se no gabinete e lá permaneceram por mais de uma hora. O que falaram não sei, só sei que fui chamada por êle, depois daquela longa e ansiosa espera. Encontrei-o ainda mais pálido e abatido e senti logo que não haviam chegado a um resultado satisfatório, mas eu, que não tinha em mira

sinão a felicidade e a paz daquele pobre homem, já levava comigo, maduramente pensada, a solução que me parecia viável.

OPERADOR ACORDE BREVE, MÚSICA RETROSPECTIVA

ALCINA (MAIS MOÇA) E então? Que resolveram?

ROGÉRIO Nada, ainda. Dalva está inflexível e exige que uma das duas saia desta casa.

ALCINA Sairei eu, não se aflija.

ROGÉRIO Mas eu não queria isso, Alcina. Eu não desejava separar-me de você.

ALCINA Eu também não, Rogério. Pode acreditar. Entretanto, se me proponho a tal sacrifício, é porque pesei detidamente as coisas e cheguei à conclusão de que você sentirá menos a minha saída do que a saída de seus filhos. Além disso, existe ainda outra circunstância que é muito importante: eu não preciso ir para muito longe e você poderá avistar-se comigo todos os dias, se quiser, ao passo que se seus filhos saírem, Dalva não lhe perdoará nunca a preferência por mim e jamais consentirá que você os visite. Já vê que se lhe proponho a nossa separação, é porque sei que ela será a melhor maneira de resolvermos o caso. (PAUSA LONGA) E então? Não acha que estou certa?

ROGÉRIO Alcina, você é uma grande mulher e tem o melhor coração que eu já vi neste mundo. Estou certo que nenhuma outra teria a coragem de apresentar semelhante proposta.

ALCINA É que eu só quero a sua tranquilidade, querido, e por ela serei capaz de todos os sacrifícios.

ROGÉRIO Obrigado, minha querida, muito obrigado. Faremos assim, então: eu pedirei a minha transferência para qualquer lugar onde ninguém nos conheça e uma vez lá, alugarei para você uma casa perto de nossa, de onde você possa ver o Celso, de vez em quando, e possa receber-me todos os dias. Concorda?

ALCINA Tudo que for bom para você eu estarei disposta a fazer, Rogério.

ROGÉRIO Mais uma vez obrigado.

ALCINA Você irá ver-me todos os dias, mas em horas tardias e furtivamente, por que sua filha chegue a descobrir o nosso plano, terá resultado inútil o sacrifício da nossa simulada separação.

ROGÉRIO É tão pouco e tão justo o que pretendemos, que não poderemos deixar de dar certo.

ALCINA Pois então estamos combinados. Você pode dizer à sua filha que vai pedir transferência para outro lugar e que, para evitar escândalo, eu permanecerai nesta casa até o dia em que

vocês embarquem, quando então ficarei definitivamente separada de você.

OPERADOR ACORDE RÁPIDO

ALCINA (MAIS VEIHA, NARRANDO) Dois meses e meio aguardamos a transferência de seu pai, espaço de tempo, ôsse, que vivemos, eu e sua irmã, como duas estranhas dentro da mesma casa. Seu pai, na presença dela, por combinação prévia, mal me dirigia a palavra e somente à noite, depois que todos dormiam, voltava a ser o marido, carinhoso e atencioso que sempre fora. Na véspera da viagem...

OPERADOR ACORDE RÁPIDO - MÚSICA RETROSPECTIVA

ROGERIO Seguiremos amanhã pelo trem das sete, Alcina.

ALCINA (MAIS MOÇA) Eu já sabia. Ouví quando Dalva disse, hoje, à empregada do menino:

DALVA Graças a Deus que amanhã nos veremos livres desta praga. Prepare tudo que é seu que vamos seguir no primeiro trem.

ROGERIO Minha filha filha não é má. É o ciúme do irmão que a faz agir assim.

ALCINA Também penso assim e talvez seja por isso que não a quero mal. As criaturas não como nascem e dificilmente podem ser modificadas. (PAUSA E TOM) Olhe, seus remédios estão todos aqui nesta valise. Não se esqueça de tomar diariamente as suas gotas para o estômago e procure não se afastar do regime alimentar para não sofrer, pelo menos de chegada, nenhuma rebeldia maior.

ROGERIO Pode ficar descansada que hei de fazer tudo como você deseja. Assim que chegar lá, escreverei logo a você, avisando-lhe do meu endereço, para o caso de você vir a ter qualquer necessidade. E logo que tenha conseguido casa para nós, tratarei de alugar a sua e mandarei buscá-la.

ALCINA Eu ficarei aguardando as suas notícias, ansiosamente.

ROGERIO Guarde este envelope. É um dinheiro que lhe deixo para as suas despesas. Antes que ele tenha terminado já eu lhe terei feito uma nova remessa, se antes disso você não tiver ido ao meu encontro.

OPERADOR ACORDE RÁPIDO

ALCINA (MAIS VEIHA, NARRANDO) Creio não ser preciso dizer-lhe que passamos a noite inteira sem poder dormir, atormentados que estávamos, com a proximidade da separação. Antes que a madrugada houvesse riscado o céu com os seus primeiros clarões, já nós nos encontrávamos de pé, cada qual esfregando-se por mentir ao outro que aceitava tudo aquilo com a maior naturalidade. Quando sentinco que já os outros da casa se encontra-

van de pé, despedimo-nos antes de sair do quarto. A outra despedida, a da hora do embarque, na presença de Dalva, não poderia ser como desejávamos, repassada de carinho e de ternura. Seria uma despedida fria, formal e que nada poderia e nem deveria exprimir. Seu pai, ao beijar-me, não teve forças para continuar a contar-se e deixou escapar algumas lágrimas. Eu, embora tivesse o coração em solugos, consegui conter as minhas. (PAUSA) Finalmente... a hora do embarque chegou. Os carregadores levaram as malas e eu fiquei recostada na porta, à espera de que todos saíssem. Você passou com a empregada. Beijei-o longamente... em silêncio... e continuei à espera. Seu pai veio logo em seguida. Estendendo sua mão para mim, disse-me apenas:

ROBERTO

(SECO) Fasse bem.

ALCINA

(CONTINUANDO A NARRAÇÃO) Tentei responder-lhe, mas um soluço interceptou-me as palavras na garganta. Finalmente veio Dalva. Passou por mim altiva, de cabeça levantada, com ar de triunfadora, sorrindo desdenhosamente, sem dizer palavra. Foi a única que não tive pena de ver sair. Quando todos se sumiram na curva da ruazinha, fechei a porta com força e debruçei-me sobre ela, aos soluços. Depois... a tremenda solidão de vários dias e a expectativa angustiada das notícias que tardavam a chegar. Finalmente veio a primeira carta tão ansiosamente esperada. Depois a segunda. E já na terceira eu recebia ordem de embarcar, pois que seu pai dizia haver conseguido esta casa, onde eu estaria bem perto de você, podendo, ao menos, vê-lo de longe. (TOM) Quando cheguei, seu pai foi à estação esperar-me e, ao mesmo tempo, fazer-me algumas recomendações. Pediu-me que nunca chegasse à janela, durante o dia, para que Dalva não viesse a saber que eu estava morando aqui. Mandara colocar venezianas nas aberturas da frente, para que, através delas, eu pudesse observar a casa de vocês sem ser vista. Notei que estava nervoso e agustado e, para tranquilizá-lo, repeti-lhe a minha intenção de não criar nenhuma dificuldade à tranquilidade dele. Depois de acertarmos a nossa primeira entrevista para aquela mesma noite, às onze horas, nos separamos, seguindo, cada um por sua vez, o caminho de sua casa, como dois desconhecidos. Mas aí meu pai não desejava que Dalva viesse a saber que a senhora nos seguira, por que motivo foi alugar justamente esta casa, defronte à nossa, quando deveriam haver tantas outras?

CELSO

ALCINA

Porque ele tinha a certeza de que eu havia de preferir viver reclusa, tendo a satisfação de vê-los todos os dias, de que

ter maior liberdade em qualquer outra rua, sem a compensação que esta casa me oferecia.

CELSO

É como foi que Dalva veio a descobrir a sua presença?

ALCINA

Seu pai vinha fazer-me uma visita todas as noites, antes de se recolher. Saía cedo de casa, ia ao Clube jogar a sua partida de gamão e às dez e meia vinha para cá, de onde saía, geralmente, depois da meia noite. Dalva tinha o hábito de se deitar cedo e ele não corria o risco de ser visto por ela. Aconteceu que uma noite você adoeceu subitamente, com uma febre muito alta. Sua irmã se assustou muito e mandou a empregada ao Club chamar Rogério. Ele já não estava mais lá. Dalva, na sua natural aflição, começou a chegar constantemente à janela, auscultando a rua, ansiosa que estava pela sua chegada. Foi numa dessas vezes que ela viu seu pai sair daqui. Não falou nada a Rogério, mas tratou logo de investigar quem eram os moradores desta casa. De indagação em indagação, soube por saber que aqui morava uma viúva de meia idade, de quem muito se murmurava. Era lógico que isso acontecesse; seu pai foi visto, muitas vezes, por um ou por outro, entrando ou saindo, aqui. No seu egoísmo sem limites, Dalva não quis conceder ao seu pai nem mesmo o direito de ter uma amante e arrou logo, com ele, um tremendo temporal. Ele então, para se desculpar, mentiu com a verdade, dizendo-lhe que eu chegara inesperadamente, que ele acabara de saber que eu estava morando aqui e que então veio me procurar com a única intenção de me fazer sair daqui para qualquer outro lugar. Ela não teve acreditar naquela mentira, mas vendo que as visitas se repetiam e que eu continuava sempre a vir, ameaçou novamente seu pai de abandoná-lo e levar você.

CELSO

Foi, então, quando meu pai promoveu aquele abalo assinado entre os moradores da rua, para expulsá-lo desta casa?

ALCINA

Não foi seu pai, foi sua irmã quem fez isso no nome dele. Tão aflito e coltado ficou, quando lhe disseram, que veio logo combinar comigo uma maneira qualquer de inutilizar aquela prova vidência. Depois de me contar o caso todo...

OPERADOR

ACORDE RÁPIDO - MÚSICA DE RETROSPECTIVA

ROGÉRIO

Eu estou desesperado, Alcina, desesperada! Não posso, de modo algum, sujeitar você a tamanha humilhação e, ao mesmo tempo, sinto que me faltam forças para enfrentar a ira de minha filha. Não sei o que fazer, não sei! Confesso-lhe que estou completamente desorientado.

ALCINA

Tenho mil e e confie em mim, Rogério. Não tenho sempre resoldido, da melhor maneira possível, todos os seus problemas di-

ficels?

ROGERIO

Você?.. Você tem sido o anjo bom da minha vida, Alcina. Em todos os meus momentos mais cruciantes, tenho tido você ao meu lado, animadora, solícita e destemida; por isso mesmo, para compensar o que você me tem dado, eu deveria ser menos covarde e colocar-me, resolutamente, ao seu lado, mas... desgraça danada... sou um freco... um vencido... e embora de coração deseje dar-lhe esta prova do meu bem querer e da minha gratidão... vergenhosamente a coragem me falta.

ALCINA

Não se preocupe com isso, Rogério. É a sua maneira de ser e de nada adianta lamentar-se agora. Sei que você me quer bem... e isto me basta.

ROGERIO

Obrigado, minha querida, muito obrigado. Você sempre bondosa e altruísta. Mas diga-me, por favor: e agora, diante dessa nova investida de minha filha, que iremos fazer? Eu não desejava que você passasse por um vexame tão grande.

ALCINA

Nem eu deojo passar, também, mas não se preocupe. Já lhe disse que não há de ser nada. (RÁPIDA) Olhe, tive uma idéia: eu vou lhe mandar um bilhete ameaçador e você se finja de muito assustado com as minhas ameaças. Conanto-lhe como ela mesma há de ser a primeira a procurar evitar qualquer escândalo com o nome da família.

OPERADOR

ACORDES BREVES

ALCINA

(MAIS VEZES NARRANDO) E de fato assim foi. Dalva se assustou com as minhas ameaças e resolveu chamar-se ao silêncio. E nunca mais se envolveu com a minha vida, sabe? Pelo contrário. Na noite em que seu pai repentinamente nos faltou, quando você saiu para tratar das pompas fúnebres, ela mandou me chamar às ocultas, para que eu me despedisse d'ele. E fez mais: ainda ficou à janela, sondando a escuridão da noite, para que você não nos surpreendesse com a sua volta. Que noite aquela, meu filho!... Meu gosto de relembrar!... De trás daquela veneziana que ali está, vi o enterro sair e chorei em silêncio as minhas lágrimas que ali está, vi o enterro sair e chorei em silêncio as minhas lágrimas mais amargas. E de então para cá, toda a minha vida tem se resumido em cuidar, a través daquela mesma veneziana, a hora em que você sai e volta para a sua casa. É esta toda a minha alegria, no momento. E foi por isso que agora, sentindo a vida fugir-me cálorosamente, achei-me no direito de lhe dizer a verdade toda, para que ao menos você - e só você me interessa, pode crer - não fique fazendo de mim, o meu juízo que os outros fazem. Foi a razão porque o mandei chamar.

- CELSO (DEPOIS DE PAUSA, COM VOZ GRAVE) A senhora... pode provar tudo isso que me contou?
- ALCINA Posso. Abra aquela gaveta da minha cômoda. A de cima.
- C/REGRA (POUCOS PASSOS SE AFASTAM. ABRE GAVETA AFASTADA)
- ALCINA Há um emarrado de papéis no canto esquerdo. (PAUSA) Esse mesmo. Af você encontrará todos os recibos dos alugueis desta casa,, tirados no nome d'êla. Encontrará, também, as cartas que êle me escreveu, inclusive, aquela em que me mandou chamar para cá. Parece que é esse envelope mesmo que você tem na mão. Encontrará, ainda, vários recibos de passes feitos pelo banco, bilhetes que me escreveu quando não podia comparecer aos nossos encontros, cartões que acompanharam presentes que me mandou pelas meus aniversários e muitas outras pequenas provas que servirão para convencê-lo. Pode ler, uma por uma, se quiser.
- CELSO (DEPOIS DE PAUSA) Não é nada preciso. Só esta carta em que êle a autoriza a vir e diz que se sente felicíssimo com a idéia do seu retorno, é prova suficiente para convencer a qualquer um.
- ALCINA Obrigada, meu filho! Muito obrigada! Você nem sabe o bem que me fazem as suas palavras! Eu não desejava mais do que isto, neste fim de vida: saber que ao menos você, daqui para diante, há de fazer de mim o juizo que mereço.
- CELSO Mas a senhora terá mais do que isso, porque voltará para a nossa casa, onde é o seu lugar verdadeiro.
- ALCINA (RÁPIDA) Não, não, meu filho. Isso não!
- CELSO Por que não? Fago questão de restaurar a verdade em torno do seu nome e compensar-lhe ainda que tardiamente, todas as injustiças sofridas.
- ALCINA Não, meu filho, não. Nem pense nisso. O que os outros pensarem sempre de mim e continuem pensando, não me causa nenhum aborrecimento ou contrariedade. Tudo para mim é você e ainda por você eu quero que tudo continue como está. Sei que você está quasi noivo de uma moça cujo familia é cheia de preconceitos e não admitiria ver o seu nome envolvido num escândalo dessa natureza. Seriam capazes de obrigar a menina a romper o noivado e eu eu jamais me perdoaria se agora, no fim da minha vida, pudesse vir a prejudicá-lo. Ficarei felicíssimo se puder receber o seu carinho, ainda que êle me seja dado de ocultas, como seu pai fazia. Você me promete que há de ser assim?
- CELSO Não me parece justo.
- ALCINA Para mim é o suficiente. (PAUSA) Vamos, quero que me prometa que há de ser assim.
- CELSO (DEPOIS DE PAUSA) Bem... si êsto é o seu desejo...
- ALCINA Obrigada, meu filho querido. Muito obrigada! E a ora volte para a sua casa que já começa a amanhecer. Vá descansar, vá. Amm

nhã à noite, se quiser voltar, eu o receberei radiante de felicidade.

CELSO Eu virei, sim, E hei de vir todas as noites, da mesma maneira como vinha meu pai.

OPERADOR ACORDE RÁPIDO - FUNDO DE NARRAÇÃO

NARRADOR Celso se curvou sobre o leito da madrastra, beijando-lhe, com carinho e respeito, a face macerada! Dona Alcina sentiu uma emoção tão forte que não pôde pronunciar uma única palavra. Apenas seus lábios se entreabriram, vagarosamente, num pálido sorriso que, ainda assim, refletia a felicidade imensa que naquele momento lhe inundava a alma. Instantes depois... atravessava a rua deserta, divisando, no lusco-fusco da alvorada, o rosto da irmã colado à vidreça da janela, esperando-o. Quando entrou em casa, ela já estava junto à porta, com os olhos cravados nela, ansiosa por querer desvendar o que se havia passado do outro lado da rua. Celso olhou-a de frente, fixamente, e sem dizer palavra dirigiu-se para o seu quarto, onde entrou sem voltar a cabeça: Dalva adivinhou tudo na atitude do irmão e sentiu que o havia perdido naquele instante. Permaneceu ainda uns momentos imóvel, olhando fixamente a porta por onde ele se sumira. Depois... arrastando lentamente os pés que lhe pesavam como chumbo, dirigiu-se outra vez à janela e seus olhos, automaticamente, foram cair nas venezianas daquela casa modesta, que durante tantos anos havia sido o pesadelo grande da sua vida. Um galo, cantando à distância, assinalava o final daquela madrugada sombria.

OPERADOR SOBE A MÚSICA EM FUNDO E ENTRA COM CARACTERÍSTICA PARA FINAL

12 COPIAS/AV.